

*190* **Seminário sobre índio vai até dia 27 próximo**

Iniciado ontem realize-se até o próximo dia 17, quinta-feira, o Seminário sobre o Índio Brasileiro, promovido pela Universidade Católica de Goiás, através do Instituto Goiano de Pré-História, em conjunto com a Fundação Projeto Rondon. O seminário está sendo realizado no auditório da UCG diariamente das 19 às 22 horas, tendo como conferencista o professor Mário Arruda da Costa, da UCG.

Esse seminário tem como objetivo estudar e debater a problemática e a importância da identidade do índio brasileiro,

além do seu papel na conservação do ecossistema. Conta com 50 participantes, todos eles alunos dos cursos de Geografia, História, Estudos Sociais, Serviço Social e Psicologia.

**VIAGEM**

Com a finalidade de complementar o seminário, será realizada uma viagem de estudos aos Abrigos Históricos de Serranópolis, no Estado de Goiás, nos dias 26, 27 e 28 de maio, visando enriquecer o currículo

dos participantes de Antropologia, bem como motivá-los para a realização de pesquisas e outros estudos nesse setor. Objetiva, ainda, reunir uma documentação cinematográfica da região e das grutas com suas pinturas rupestres, petroglifos e material arqueológico.

A Diretoria Executiva do Projeto Rondon conta, inclusive, com 10 vagas para bolsa de alimentação aos universitários interessados em participar desse trabalho, que deverão inscrever na sede do Pro, à Rua 100 - Setor Sul.

**Uma mostra do que fazem os indígenas**

Ganham maior relevância, hoje, em Goiânia, as comemorações à Semana do Índio, quando várias entidades estarão promovendo, até o dia 19 de abril - Dia do Índio -, exposições de trabalhos de artesanato indígena, além de palestras e debates sobre os costumes, hábitos e a própria luta contra a extinção do Índio.

A Universidade Federal de Goiás, através do Museu Antropológico, organizou uma exposição com 1 mil 500 peças indígenas, que estará aberta ao público até o dia 19, das 8 às 12 horas e das 14 às 17 horas, diariamente. A entrada é franca.

Segundo o diretor do Museu, professor Acary Passos, todas as peças foram coletadas diretamente em aldeias, produzidas pelos indígenas de Goiás e parte do estado de Mato Grosso, além de incluir algumas replicas da cerâmica marajoara, confeccionada por índios da Amazônia.

Entre as peças que estarão expostas constam ainda objetos

feitos em palha, utensílios domésticos, cerâmica, armas, instrumentos de trabalho e musicais.

**OS KARAJÁS**

O professor Acary Passos falou ainda sobre a tribo Karajá, o único grupo hoje reduzido a algumas centenas que vive aqui em Goiás, às margens do Rio Araguaia.

Disse que "pelos dados fornecidos através de publicações do General Couto Magalhães, Frei Gil de Vila Nova, Hermano Ribeiro da Silva e outros, a nação Karajá era considerada como um dos maiores grupos indígenas habitando às margens do Rio Araguaia, onde durante o verão construíram habitações provisórias nas ilhas arenosas existentes em grande quantidade. No inverno, quando as águas subiam, eles recolhiam às suas aldeias, onde permaneciam até nova estiada".

Segundo o professor Acary, "dos milhares de indígenas que a história nos conta, hoje os índios Karajás estão reduzidos a algumas centenas. Isto porque, com

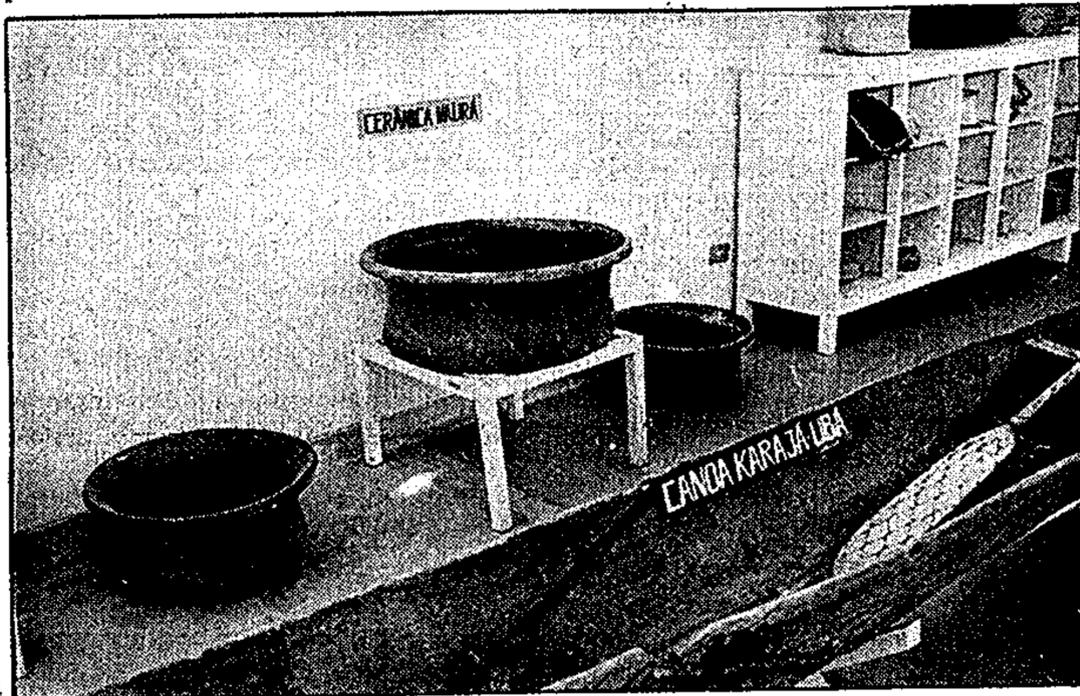
a integração, adquiriram hábitos que só a civilização possui, hábitos estes prejudiciais à sua cultura e ao seu meio de vida. A tuberculose, bem como outras doenças como a gripe e o sarampo, são os principais responsáveis pela constante extinção dos índios Karajás".

Disse ainda que "segundo documentários, hoje estão também reduzidas as aldeias de Santa Izabel do Morro, Santana, Crizóstomo e Karajá do Norte, sendo que na aldeia do Bananal, onde o grupo é maior, a tendência é diminuir ainda mais".

O professor Acary Passos grande conhecedor de hábitos e costumes dos Karajás disse ainda "dos seus antigos costumes, muitos deles desapareceram e outros estão em fase de extinção. Da belíssima cerâmica, sempre disputada pelo civilizado e que representa verdadeiramente a cultura do Karajá, transformouse hoje em meros objetos de comercialização sem nenhum valor etnográfico".

"De suas festas tradicionais - disse o professor Acary -, os Karajás só conservam a dança do Aruanã, isto porque consideram a sua origem como vinda deste peixe e por incrível que pareça, apesar das modificações no seu sistema cultural, esse cerimonial festivo é conservado e respeitado por todos os membros do grupo".

Disse ainda que "os Karajás vivem quase que exclusivamente da pesca, em virtude da grande piosidade do Rio Araguaia. Além da pesca plantam determinadas qualidades de tubérculos, como mandioca, batata-doce, amendoim, fazendo anualmente pequenas lavouras de milho e mandioca, dos quais preparam uma bebida fermentada a que dão o nome de Calogí".



Ubá - a canoa karajá